

Minha “pequena” Alenquer

CRÔNICA DE
LUIZ ISMAELINO VALENTE



Lembro-me de Alenquer como quem lembra a namorada ausente. E, quando a noite é de luar, embarco na minha canoa de ternura e enfrento as ondas do amor: tenho um encontro marcado com essa “pequena” (aliás, este meu procedimento tem um tanto dos meus pais, nas noites de outrora de festas nos sítios...)

Remando, eu desço o paraná do carinho. Primeiro, sinto no rosto a brisa de sua calma; depois, no peito nu, o vento forte da minha ansiedade: vou encontrar-me com ela! Adiante, tomo o igarapé da lembrança e vou cantando qual gondoleiro caboclo. Mas, na cantiga, o pensamento se adianta à força dos remos e envolve a minha amada, pesquisa as suas origens, sua formação e as razões do meu bem-querer...

Não gosto que apelidem minha “pequena” de Arcozellos. Onde já se viu chamar assim a uma donzela tão bem acabada? E, depois, só um ignorante a chamaria de tal modo. Não vê que Arcozellos é o antigo nome daquela mulata faceira, que mora a Oeste, e que, em 1848, o comerciante Raymundo José Simões rebatizou com o nome de Vila Curuá? Sim, senhor, há um grande equívoco nessa história de botar apelido nos outros, principalmente quando se trata da nossa “pequena”...

Posso descrever para você como é a minha namorada. E como temos bastante tempo, peço que me escute. A sua idade, eu não sei, porque afinal de contas não fica bem a gente sair por aí indagando a idade de uma dama. E, nesse particular, Alenquer é intransigentemente recatada: esconde com tal cuidado a sua idade, que somente posso fazer suposição, sujeita aos exageros da imaginação.

Outro dia, até briguei com ela, pois se não me quis dizer nem o dia do seu aniversário!? Só de pirraça, procurei o Dr. Fulgêncio, um livro velho e barbudo, reumático e todo desconjuntado, que, mercê de sua velhice, sabe tudo sobre Alenquer. O velho não me ajudou muito, mas me falou assim, com ar doutoral:

– Olha, meu rapaz, certeza, certeza mesmo, eu não tenho. Mas tenho cá minhas suposições. Quem é o padrinho da tua amada? Santo

Antônio, pois não? Então repara que os Capuchinhos tinham por praxe dar às cidades por padroeiro o santo do dia em que nasciam. Daí, creio que Alenquer nasceu num 13 de junho, consagrado a Santo Antônio. Quanto ao ano, penso cá comigo que Alenquer foi fundada, sob a denominação de Missão do Surubiú ou Surubijus, no ano de 1729, segundo deduzi de uma Carta Régia de 1730, que mandou expulsar os religiosos, por causa da denúncia de um cronista fofoqueiro, de que os frades Capuchinhos estavam fazendo "descimentos" de índios das redondezas para fundar povoações em lugares "desviados do concurso das canoas", libertando-os da escravidão imposta pelos colonos portugueses...

– Alto, lá! Fofoqueiro, não, seu doutor! El-Rei tinha que ficar sabendo, ora essa! Não vê que se lhe nascia mais uma Princesa? Sim, meus amigos, se é verdade que Manuel Bandeira, em Pasárgada, era amigo do Rei, aqui eu namoro a Princesa. E que Princesa! Bem ao gosto brasileiro: Princesa do Surubiú!

Mas, de qualquer modo, essa história de idade não me preocupa muito. Talvez o velho Fulgêncio nem soubesse, mas os franciscanos me contaram, num livro sobre o cinqüentenário da Prelazia de Santarém, que desde 1720 a Missão do Surubiú já constava da Relação das Missões no Pará. Mas tanto faz, porque para mim Alenquer é uma menina-moça com seus mais de 200 anos em flor. Verdade é que ela não confirma. Em compensação, ela nunca me confirmou essa corte que o tal do Surubiú lhe faz há anos, e que, só para me enciumar, costuma dizer que ela é sua Eterna Namorada. Cá para nós, tenho uma satisfação: esse meu rival só consegue lambar seus pés, enquanto que eu moro no seu coração...

Na intimidade, sabe?, a chamo de Chimanga. Sei que muitos não gostam, mas acho tão bonito esse agrado! E reflete, maravilhosamente, seu porte majestoso de Princesa. E, como toda mulher que se preza, Alenquer tem um ar de mistério: "O seu mistério é o da Amazônia, de verdes matas e céu de anil." E aposto que ninguém resiste ao "seu olhar moreno e feiticeiro".

No vestir, é recatada e modesta. Como gosto daquele seu vestido de chita, bordado de pequenos retângulos vermelhos, em alto relevo, e estampado, na ilharga, de aninga verde! De chita? Já passou da moda? E que tem isso? Quando Alenquer se antecipa à moda, ninguém

fala. Não? Ora, seu moço, muito antes dos hippies ela já trazia, ao pescoço, aquela enorme cruz de madeira (o Cruzeiro) e os seus brincos de vitória régia são como letreiros a pedir: "Façam amor e não guerra!"

Na barra da sua saia larga, a ribanceira pregou barquinhos, como se fossem luminosos vidrilhos. Um lindo anel de esmeralda ela ostenta no dedo da mão esquerda – o Aningal. No pulso direito, uma pulseira brilhante de lua – a Luanda. Mas do que mais gosto na minha pequena, é do seu cinto largo e prateado, como uma rua. Por isso mesmo o chamam de avenida Getúlio Vargas. À direita do cinto, ressaltando o seu porte sensual, Alenquer usa um broche maravilhoso, em forma de praça, que o seu tutor lhe deu recentemente. Por causa desse broche, ando até um pouco aborrecido, porque os motoristas agora já não querem tirar os olhos gulosos da cintura da minha amada. Também, a culpa é um pouco dela: não precisava requebrar tanto as cadeiras, precisava?...

Mas o problema, de verdade, seu moço, é bem outro. Sabe?, eu sou um namorado pobre. Não tenho um vintém. E ela é tão rica! Como? Não sabia? Pois é! Rica em fazendas de gado, enormes plantações. E tão rica ela é que nascem em seu solo imensos castanhais e balatais, sem que ela nem ao menos mande plantar. Tudo nela é natural. Agora veja: sendo ela tão rica, como vou me casar? Às vezes, ela me consola, e diz que dará sua riqueza para todos os que nela fincarem raízes. Mas, mesmo assim, não tem jeito de ficar mais pobre: um dia ou outro, alguém descobre nas pregas do seu vestido enormes minas de ametistas, de cassiterita, de pedras preciosas, e isso e aquilo outro...

– Olha! Eis a ponta da esperança! Lá está Alenquer!

Em tantos anos, nunca faltou ao meu encontro. Eu, sim, uma vez faltei (e como ela ficou sentida!). Ajoelhado na proa da canoa de ternura, com a mão esquerda seguro o remo; com a direita lhe faço um largo gesto de adoração com meu chapéu de palha. Ao longe, ela entreabre, num sorriso, os belos lábios de manga rosa, e, como dama de alta classe, acena-me, com elegância, seu leque perfumado, trançado com palmas de coqueiros e babaçus, com folhas de tamarindos e castanheiras...

Como é linda a minha "pequena"! Quem a vê, jamais esquece. Mas é preciso conhecê-la com calma, pouco a pouco, e amá-la em todos os seus recantos, porque, afinal, ela é a mais humana das criaturas. E

tanto não minto, que, outro dia, um poeta que dela também se enamorou, disse num verso:

– "Quem te vê tão escondida, Alenquer, não te julga ser tão bela!"

*(Transcrito de A Tribuna Municipalista –
Ano 1. n° 5 – Belém, 16 de junho de 1969).*

